

Entrevista – Chiquinho Amado – Santo Antônio de Muqui

SB: Sylvio Batalha

FGA: Francisco Gomes Amado

ES: Edison Saluz

JGA: José Gomes Amado

Os pontos em que o áudio está difícil, ou não entendi estão identificados com “(?)”, ou anotação apropriada, por exemplo, “[porta abrindo]”

SB: Seu Chiquinho, seu nome completo, por favor.

FGA: Francisco Gomes Amado.

SB: Certo. Conhecido como?

FGA: Chiquinho Amado.

SB: O senhor nasceu?

FGA: Aqui em Santo Antônio mesmo..

SB: Em que data?

FGA: 1943.

SB: É.. o seu endereço, por favor.

FGA: Minha casa nem tem número, é Santo Antônio mesmo.. é Santo Antônio mesmo..

JGA: Aqui é Santo Antônio do Muqui.

SB: Tá okay, a sua ocupação principal, o senhor é lavrador, não é isso? Tá, então agora vamos começar a entrevista e todo mundo participa e pode.. Bom, como é a relação aí de vocês com o boi, né? Como é essa relação? Se é mestre, se não é mestre..

FGA: É.. o.. eu sou presidente do ... folclore ... Desde quando eu tava na idade de 9 anos mais ou menos, tô com 68 anos, nós brinca com o boi pintadinho em Santo Antônio, acompanhado dos mais antigos e nunca nós vamos parar, nós nunca tivemos apoio nenhum, isso uma vez. E não deixamos acabar, e tamo continuando agora, tem um apoiozinho de vocês, a cultura aqui de mundo, e se Deus quiser eu vou continuar até..

ES: A realidade também, quase 100 anos atrás surgiu o folclore [barulho/trator] de Santo Antônio.

SB: Pera aí, só um pouquinho.

ES: Esse nosso folclore surgiu quase 100 anos atrás, e hoje, na realidade, devemos agradecer muito o Chiquinho porque ele nunca deixou isso morrer. Ele pegou e vem trazendo, assim, tem dificuldades, trazendo as festas anualmente, as junina, e ele vem colocando o que ele podia fazer, ele vem fazendo dessa cultura do boi, da vaca mocha, criando a personagem. E hoje nós temos esse folclore com pastorinhas, com dança italiana, com esse monte de personagem do boi, agradece a ele. Sempre tem aquela pessoa que abraça aquela causa, gosta da cultura, gosta daquilo, aquele que nasceu no lugar e vem mantendo isso por prazer, por amor a cultura, por amor a comunidade [moto] .. então se não fosse ele, não é zelado, pega nessa frente, cultivando isso, hoje nós não teríamos isso, hoje vocês não estariam conhecendo isso que tem aqui nesse interior. E a gente, ele fez o convite pra gente, tem o Amado, tem várias outras pessoas também que abraçaram o Junqueira agora ultimamente, me fez convite, meu primo Salim também fez o convite a ele, hoje ele tá aqui.. e a gente tá abraçando junto porque a gente vê que uma coisa nossa que nasceu aqui que nós não podemos deixar morrer. Porque é um valor cultural, se a gente perde o nosso valor da cultura, a gente perde a nossa raiz. E hoje nós tamo conhecidos hoje no município, talvez até no estado, já apresentando no estado.. a gente agradece também esse folclore que nós temos em Santo Antônio.

SB: Em termos da execução do boi mesmo, qual é o seu papel, seu Chiquinho Amado?

FGA: De eu gritar com ele?

SB: Isso.

FGA: Eu.. tem umas pessoas que brincam, que.. que compõe a turma mesmo do boi, são umas 100 pessoas mais ou menos, até 120 pessoas já fizemos uma apresentação uma vez em D. América (Distrito). E então ultimamente eu brincava mesmo no boi, hoje eu guio o boi, sou o carreiro que chama o boi, então já preparo todinho, fraturado o falto, o gauchão, tudo pra brincar com o boio. E tem os caras que brincam de boi.. e aquilo é criancinha de.. tá andando pode brincar com o boi, que o boi não encosta em ninguém, é adulto é criancinha, todo mundo participa, todo mundo brinca. Não tem bebia alcoólica, não tem nada.. uma família.

ES: Ele vem como o mestre mesmo do boi, ele puxa, ele guia, é onde comanda lá, puxa, a turma vai brincando..

SB: Como que o senhor aprendeu.. quando e como o senhor aprendeu essa atividade?

FGA: Eu disse que.. no tempo do meu pai, dos meus tios de Santo Antônio, eu era pequeno, tava com 9 anos mais ou menos, ajuda a brincar, tentei ficar brincando de caxambu, tem caxambu até hoje, nunca parei até o dia de hoje, aguentando isso, quando tem festa junina, que é padroeiro.. uma vez não tinha nem pano pra botar no boi, não tem uma lona plástica.. botamo nele, pintando tudo de branco pra sair com tinta, mas saiu, não deixou. E nós trabalhamos também toda com .. (?) pau de sebo também. Sabe como é que é? Um pau comprido, 7, 8 metros de comprimento, passa sebo nele, bota um prêmio lá em cima e o cara subindo.. Vai empurrar também, pode juntar 10 pessoas na altura desse poste pra apanhar que é difícil. Entendeu? Nunca paramos com isso tudo..

SB: Certo. E o pai do senhor já tinha o boi, é isso?

FGA: É.

SB: O avô do senhor também tinha boi? Como é que é isso? Até onde o senhor lembra?

FGA: Por causa quem disse um 100 anos atrás, isso nunca parou e nós nunca deixamos acabar até hoje.

ES: O que surgiu, é que aqui ..

JGA: É a tradição, é tradição do lugar, então isso começou em nossos avós, cerca de anos atrás, é que mexia (?) com fazendeiro aqui, e os colonos todo dia, ele obrigava a brincar no boi pintado. E cantar a tradição, então eu tenho aquela tradição até hoje. Por tanto, o distrito de Santo Antônio é um distrito que cresce mais no município de Mimoso todo. Só não é do ponto de vista político. Tem político que só conhece aqui de quatro em quatro anos... O prefeito que não dá as caras..

SB: Certo. Só vamos tomar cuidado pra falar um.. seu Zinha, vamos tomar cuidado pra falar um de cada vez, porque senão a gravação não dá certo.

ES: Quando foi doado esse terreno aqui, surgiu a primeira comunidade, a primeira capelinha, eles comemoraram fazendo uma festa. Ai começaram a criar a ideia de alguma coisa pra comemorar as festas do padroeiro. Ai criaram-se um boi, só tinha o boi. Ai no passar dos anos criaram a vaca, e depois criaram a mulinha pra apartar.

SB: A vaca é bem antiga também.

ES: A vaca é antiga também, porque primeiro vem o boi, ai viram a necessidade de ter uma vaca, ai criaram a vaca. Depois como era o meio rural, tinha muito boi, ai criaram a mulinha pra poder apartar, ai a mulinha, o boi, a vaca, e daí em diante foram criando os personagens pra animar a festa do padroeiro, porque não tinha nada. Então isso nasceu assim. E até hoje vem crescendo esse número de personagem, tem o Sebo, tem Saci Pererê, tem o Padre Maria, tem o Padre João, tem tudo isso.

FGA: Tem a Manete, e tem o vestido deles todinho também.

SB: Certo. Vocês ensinam, vocês tem um projeto aqui do celeiro..

ES: Do folclore.

SB: Do folclore, né!? Fala um pouquinho pra gente desse projeto.

ES: O Celeiro de Folclore foi dado esse nome porque quando começou assim, a alavancar mesmo, a começar a crescer como cultura, conhecendo mesmo.. a gente sempre foi sendo conhecido no município, reconhecido no município e mais adiante. Ai criou essa ideia de Celeiro de Folclore, porque nós queremos abranger, atingir as crianças, os jovens, os idosos que já estavam por dentro, e a intenção até hoje é abranger o máximo, principalmente as crianças, pra gente não perder essa cultura. Porque se as crianças não abraçarem isso junto a

gente vai perder futuramente, porque os velhos, as pessoas idosas vão acabando.. e aí criou o celeiro por isso. Que todo mundo pudesse zelar por isso. Até mesmo as comunidades vizinhas. Que hoje nós temos apoio das comunidades vizinhas, que vem aqui participar com a gente.

SB: Quais são?

ES: Sapucaia, tem Pajeado, tem Catundé, tem Areia Branca, São José, que sempre tá presente com a gente. Convida a gente pras festinhas, São Pedro, então isso é um apoio que a gente tem, e também um incentivo a mais que a gente dá. Porque quando a gente vai a festa melhora, né!? Isso divulga a gente, o que a gente tem e incentiva a cada criança, a cada participante a querer participar mais, por isso deu-se o nome do Celeiro do Folclore, que aqui tem várias personagens que são.. é assim.. apresentados por várias pessoas, por várias idades também.

SB: Bom, vocês já falaram da associação aqui. Como é que é um pouco da história da associação? Quando se formou a associação aqui?

ES: A associação é o seguinte, há muito tempo o Chiquinho vem desejando e almejando muito que formasse uma associação, ele vem lutando muito por isso. Aí há dois anos atrás.. foi.. nós começamos a três anos atrás. Mas nós demoramos quase um ano pra legalizar a associação, há dois anos agora nós temos uma associação de folclore legalizada, registrada, com CNPJ, com tudo direitinho. A gente só não tem ainda a carta de sociedade pública estadual, a municipal a gente já tem e tá correndo pra adquirir a estadual que vai ter benefício aqui diretamente do estado. Isso atrapalha a gente um pouquinho, mas a associação graças a Deus tá funcionando, tá em dia, tá direitinho. E a galera tá organizado, entendeu? O importante também é estar recebendo vocês, esse prestígio que vocês estão dando aí, tá vindo filmar, entrevistar, e levar isso pra ser conhecido..

SB: Okay, fala um pouco da.. como que é essa apresentação do boi em termos das datas assim, de quando em quando acontece, em que datas que o boi se apresenta?

FGA: Nós não temos data, Qualquer evento que convida a gente, a gente participa lá, faz pra ajudar as pessoas mesmo. A festa de São Pedro, que é aquela festa da viola ali, agente sempre vai lá. O bingão de São Pedro convida a gente vai também..

SB: Quando é esse bingão?

ES: Final de julho..

FGA: É.. julho..

ES: Só que a festa da nossa comunidade, que se apresenta um folclore é no último final de semana de abril e também no carnaval, essas duas datas pra nossa comunidade é essencial, essas nós estamos apresentando mesmo, entendeu? Porque nós fazemos o carnaval cultural, que é com a folia do boi, com tudo que a gente tem, e a festa do folclore que a gente faz com a folia do boi, com pastorinha, com pastorinha, com almoço comunitário com cardápio caipira, galinha caipira, entendeu? A gente busca a buscar mais esse lado caipira, mais cultural, entendeu? Na nossa comunidade essas duas datas que a gente apresenta.

SB: E vão nas comunidades, sempre comparecendo, quase que mensalmente? Uma vez por mês pelo menos acontece isso, é isso?

ES: Nas épocas juninas quase que sim, a pedido pra entrar a secretária de Cultura dona Leones, que ela tá sempre convidando a gente, fornece um ônibus pra gente, pra tá levando a gente pras comunidades, então.. no período assim de junho, até agosto, a gente recebe muito convite que é festa junina, né? As vezes tem ocorrido que gente nem pode atender.

FGA: Mês que vem talvez vai em Vitória outra vez.. eles chama a gente pra ir dar força, põe ônibus, apresenta no Palácio lá em Vitória, agora teve um evento, nós já apresentamos já também, vamos lá só com a pastorinha, então a gente quando dê..

SB: Certo, se pensar desde.. 1990, por exemplo, mais de 20 anos atrás.. todo ano o boi sai, o boi nunca deixa de sair, é isso? Nunca falhou né?

ES: Não. Essa tradição a gente tem aqui. Por mal ou bem a gente vai sair, vai animar, estamos agora tentando erguer a dança do caxambu, começamos a fazer esse ano, final de junho e julho, final de junho.. e começamos tentar resgatar.. o pessoal gostou, mas tão discutindo ainda, porque alguns saem as ruas, mas estamos também.. já tem essa nossa tradição também, só que passou um tempo esquecido assim, adormecido, ai agora estamos começando a retomar isso também.

FGA: Agora 19 de outubro vai ter uma festa da saúde do Santo Antônio, ai vamos participar, já convidaram pra sair com o boi, pra participar na festa, e nós vamos sair.

SB: Então sai bastante o boi, né? Sai bastante, tem atividade o ano inteiro praticamente.

FGA: O boi sai pros lugares, festa do Santo Antônio, da saúde, vamos sair.

SB: Certo, vou fazer uma pergunta assim pra vocês falarem um pouco do.. vocês já falaram um pouco sobre isso, mas pra pensar um pouquinho mais isso, em termo da motivação, como é o senhor Chiquinho.. que é o mais velho, né? Qual motivação, seu Chiquinho, você tem pra botar, pra sair com o boi, pra botar o boi, o senhor que lutou tanto pelo boi, qual é a motivação que o senhor teve pra fazer isso?

FGA: Primeiro que eu gosto da brincadeira, e então, quando tem as festas que eles me chamam pra ir, ah vamos brincar com o boi pintatinho, então.. e quando não tinha tudo que tem ai, nem o jaguaboí não tinha, minhas mulinhas tudo guardado ali, então a gente fazia naquela semana mesmo, eu mesmo fazia as mulinhas pra fazer a apresentação pra não deixar acabar. Então, a gente brincava porque gosto, então.. e todo mundo ajudava, todo mundo brinca, aqui é mulher, criança, todos eles, o dia que vai sair todo mundo vem cá, cada um pega sua pesca, cada um brinca, tinha as bateria tudo completa de cada um tinha.. os cara que sabe bater, bate. E tudo humildade, né? [barulho]

ES: Na realidade seu Chiquinho é um apaixonado por folclore.

FGA: E eles gostam..

ES: Gostam..

FGA: É só chamar e todo mundo vem, convida, vem gente de fora, a gente vai num lugar agora que é padrinho de São José, na festa que teve ali, perto do Município de Mimoso, chegamos lá, o pessoal daqui queria brincar eles não deixaram. Debaixo de um Jaguará tinha duas moças brincando. Tem uma mulher, esposa do tal doutor Sobresa (?), ela tá com quase 90 anos, a velha virou uma mocinha de 15 anos, brincando.. ela gostou de ver como é que é, o pessoal brincando, as criança tudo, então, só vendo, a velha falou que tava toda quebrada de tanto pular.

SB: Tá certo. Tá certo. As origens vocês já falaram pra mim, né? A origem são os avós mesmo do senhor, vocês nem lembram mais, coisa muito antiga, e sempre teve aqui na verdade, né? O senhor me falou uma vez na história do boi senhor, não é isso? Conta pra gente..

FGA: É o boi, é a carcardeira do Jaguaboi, esse senhor. Meu pai comprou um boi chamado senhor. E esse senhor morreu, então pegamos a cabeça como senhor, fizemos o jaguaboi e tá ali até hoje. Esse tem tempo que meu pai era vivo, meu pai .. me lembro, coisa de 80 quando meu pai morreu ele tá ali até hoje camirobicho. E tá guardado, sempre tá ali, depois tiramos a cabeça original, que é aquele com couro, porque tá encapado, mas a orelha é de boi mesmo, chifre, nariz, do jeito que tá..

SB: Esse é outro boi?

FGA: É, esse é outro, e aquele é com a cabeça que tá lá..

SB: Mas tem mais dessa história, você contou uma história pra mim, tem uma história engraçada com o boi senhor, não tem?

FGA: Tem..

SB: Pode contar senhor, me interessa..

FGA: A história do senhor, o papai passava remédio de pó de broca, remédio no muro dos carrapatos, empurra o bambu e lá, ai tinha um empregado que bebia muito, tinha bebido na segunda feira e gritou ô seu Amado, o senhor tá com carrapato no saco tal, o papai zangou com ele, zangou com ele e ele era um boi, um boi chamado senhor. E quer dizer que era ele, começou a olhar, e foi aquela luta, e quando for ver o papai zangou, mas é o senhor, é. Papai tá falando que o senhor é o touro. Ai ele ah! tá certo".. ai deu uns tempos e esse boi morreu, e nós temos a cabeça dele até hoje.

JGA: Era um touro reprodutor, então papai usava pó de broca, botava assim numa sacola e passava assim nos carrapatos do boi, então ele tava passando pó de broca no boi, e o empregado tava meio bêbado 'o senhor, o boi tá com carrapato no saco'.. [falas entrecruzadas]

FGA: Senhor quer

JGA: Falou senhor, então pensou que era ele, né? Ai ele falou assim 'que história é essa?' ai que começaram, não o senhor, era o boi, era o boi, não era ele.

SB: Certo.. certo..

FGA: A cabeça do boi é aquela que tá ali..

SB: Certo, e esse boi aqui tem alguma história? Aquele é o boi senhor então, mas ele era um boi inteiro, como se diz, reprodutor, né?

FGA: Registrado e tudo.

JGA: O boi Giroaldo. O Gir.

SB: Certo, e esse boi aqui em alguma história? Esse aqui qual que é?

FGA: Esse boi a história dele é que.. (?), nós contamos essa cadeira de boi, botamos ai porque já matei ele, mas é mesma coisa.

JGA: Geralmente na última cantada, quem vai cantar fala assim 'esse boi é malhado, é o boi do mais querido', esse boi é conhecido com boi malhado.. 'com boi malhado o homem sai na rua olhando pra..' pergunta pra todo mundo, isso virou tradição, porque pra nós não é.. é uma tradição. Agora pro pessoal mais novo hoje, se eu acaba não sabe quem é o boi, quem é mulinha.. né, tem gente que monta na mulinha e sai pulando, e aquilo é alegria pro povo, né? Pessoa que é adepto do antigo, da era passada, então você sente emocionado com aquilo, que apesar que nem ia haver mais, né? Eu tenho meus netos, então eu fico feliz da vida, se não tiver meu irmão que circula o folclore assim, isso acaba, então morre o homem fica a fama, né? Isso é o mais louco..

FGA: 'O boi malhado quando sai na rua, mulando pra lua, quem nunca viu vem ver, vem ver, que o boi malhado brinca com você, quem nunca viu vem ver, vem ver, que o boi malhado brinca com você, espalhe o povo, e o boi, que boi ensinado, é boi que é boi é pintado, é boi'. Depois o boi vai para.. o boi deita, baixa o boi, ai continua a música.. 'o meu boi tava doente, deitou na porteira do curral, o meu boi tava doente, deitou na porteira do curral, vamos chamar a Santo Antônio pro meu boi levantar. Vamos chamar a Santo Antônio pro meu boi levantar', ai o boi levanta, 'o meu boi já levantou, o meu boi começou a andar, o meu boi já levantou, o meu boi começou a andar, agradeço a Santo Antônio padroeiro do lugar.'

SB: Muito bom, mas pro boi sair ele precisa de uma preparação, não é isso? Como é essa preparação? Conta um pouco pra gente..

FGA: Você diz assim pra andar e sair?

SB: Pra sair tem que preparar.. a organização..

ES: Eu fico até com pena dele, ele fica doidinho, vai num lugar, chama um companheiro, companheiro chega, agora toma uma cachaça, volta e companheiro não tá mais, então tem que ter um jogo de cintura, é o perigo de as vezes o camarada morrer, mas é difícil achar um

substituto pra ele, porque só ele mesmo que aguenta um troço desses, se juntar essa juventude hoje não tem pra nada. Vão achar que vou ajudar na hora do boi cantar, chega na hora o cara tá lá, então não tem companheiro, tem que ter muita força de vontade pra levar isso pra frente. Eu acho que assim os responsáveis pelo estado, pelo município, vereador, e outros mais, deviam ser mais sério e dar mais apoio, porque a prefeitura ultimamente tá ajudando, mas financeiramente só fica no papo 'ah, vou mandar 10 mil', só que o 10 mil nunca chega. E ele queria um acordeão, um microfone, compra uma bateria completa e tudo, mas depende disso.. e isso parece que não, mas precisa comprar um pano, precisa uma coisa, então tem que ter prefeito, a pessoa promete as coisas na campanha, depois ganhou esquece. E tem sei lá, contralto, tem o convidado pra ir lá, ponte abapoana, por exemplo, o distrito falaram, o nosso vizinho aqui.. depende de um ônibus pra levar o pessoal, por exemplo, a prefeita lá tá a ser muito boa, pelo menos eu que vou pedir, ele que pede, o Edinho, o outro rapaz que também parte que é o Salim, então, mas ele reclama.. pra chegar lá um joga em cima do outro, aí isso é com fulano, isso é com não sei o que.. rapaz você tem que tolerar por amor ao nosso lugar..

SB: Não é fácil..

FGA: Eu mesmo não tô lá, mas eu sou juiz de paz aqui há 20 anos, então eu sei como é difícil, você controlar o povo, é muito fácil você ligar pra polícia, 90 minutos tá aqui.. pra você prender seu próprio amigo.. a gente precisa, nós aqui não é Rio de Janeiro, [moto] então o cara que arruma inimizade com a família, com o pai, com a mãe, com os amigos, e tudo tem que ter um jogo de cintura.. eu vivo aqui.. eu faço coisa, vejo as coisas, faço que não vejo, sei das coisas, faço que não sei.. e tem que ser assim, se eu levar no peito.. ah porque Rio de Janeiro, São Paulo mata mais.. aqui mata também.. é a mesma coisa, é só (?) que minha acusação já veio, nasce e vai criando naquele ritmo, tem um ponto que tem que chegar e tem que parar, né? Ninguém é de ninguém.. [moto]

SB: Certo, certo, mas o boi tem ensaio, não tem? Como é isso?

ES: Quando vai sair, uma semana antes a gente organiza naquele salão ali ou aqui mesmo, a gente pega as baterias, pega as pessoas que bate as baterias, e dá aquele ensaio..

SB: E quando começa isso?

ES: Uma semana antes de a gente se apresentar, uma semana, duas semanas.. entendeu? A gente pega a noite uns 3 dias por semana, junto com o boi e as baterias, reúne a turma, faz aquele ensaio, aí viu que tá legal mesmo, tem um samboneiro que vem de São Pedro [telefone] participar com a gente, então ele vem e ajuda a gente ensaiar, participar.. a gente vê que tá legal e espera pelo dia da apresentação.. a gente sempre faz isso..

SB: Certo, e o ensaio ele tem uma música também? Como é que é?

ES: As mesmas músicas que a gente canta no dia a gente canta também no ensaio..

FGA: O ensaio da música tem bateria tudo, tem chocalho, tem tarô, tem bumbo, tá tudo guardado ali, tudo na caixa, aí tem os caras que batem direitinho, fazer carnaval aqui pra ter escola de samba não precisa de bateria, tem tudo aqui..

SB: Certo..

ES: Bateria pequena que a gente tem..

SB: É, eu vi na festa, mas agora as músicas que canta são essas músicas, por exemplo, que o senhor Chiquinho cantou agora?

ES: Na apresentação da festa do folclore é essa música, porque a gente na festa do folclore a gente faz apresentação, canta as música do folclore, a música do boi, e a gente vai e se retira. No carnaval, por exemplo, que é uma festividade que fica mais tempo, a gente canta outros tipos de música, musiquinha e marchinha, ai já tem uma turminha aqui, as meninas ai, que já sabem essas músicas e cantam, entendeu? Mamãe quero mamar, essas coisinhas assim.. Jardineira.. essas músicas antigas..

SB: De carnaval..

ES: De carnaval antigo, que ai diversificando, o pessoal vai ficando mais tempo na praça, né? Agora uma apresentação de folclore tem um tempo limitado, a gente apresenta, a gente faz o cortejo e sai..

FGA: Que a apresentação nossa é pra quem tá ali, sabe que muita gente vai, pessoal tudo cantando, e o boi brinca, tá interagindo com aquela apresentação, dali um bucadinho, que eu falo: - vamos sair boi, que o cara que tá debaixo do boi tá sabendo, bate lá (?), ai vem saindo a bateria acompanhando, vem direto pra cá. E o pessoal fala: 'não! é cedo ainda! vamos brincar mais', mas tudo tem que ter um limite, e tem que parar, eles gostando..

SB: Eu vi que aquele dias vocês fizeram uma concentração aqui, tipo uma concentração, antes do boi sair, não foi isso?

FGA: É, é assim todas as vezes antes de sair, pra dar tempo de ir num lugar, tira todos do ônibus, ou do caminhão, do jeito que for, e ai junta a turminha todinha, cada um pega a sua bateria e vamos avisando qual música nós vamos sair agora, e ai o Serafim 'tá tudo pronto?' 'tá tudo pronto', ai.. 'então vamos embora', a levanta, ai sai andando, a bateria come em cima, ai vai até aonde vai apresentar e ai o pessoal começa sambando, é de uma vez.. as mulinhas, as meninas na frente, o jaguaboi de um lado, o outro do outro, e o Jaguará, as mulinhas na frente, o boi.. a vaca na frente e o boi atrás..

ES: A gente tá precisando de organização nas nossas apresentações, porque a gente tem que ter tipo uma corda de limita assim o público, pra gente não fazer uma apresentação feia, direitinho, porque a gente promete sair de um jeito, mas as condições as vezes não permite que a gente faça legal, que o pessoal aperta, entendeu? As vezes é muito grande, a gente em poucas pessoas pra estar organizando, a gente tá brincando, eu tô brincando, tem que ter mais gente envolvida pra poder organizar direitinho, então as vezes deixa a desejar em nossas apresentações, não falo lá fora não, mais aqui, que aqui, a nossa festa do folclore é.. a gente envolve muita coisa.. são dois dias.. hoje é sábado, vamos apresentar hoje, mas tô pensando no amanhã, que também tem o almoço comunitário que começa 10 horas da manhã, almoço pra 800 pessoas que nós fizemos esse ano agora.. então a gente sobrecarrega e é um grupo ai

de 10, 15 pessoas, que tá na direção.. então sobrecarrega muito e as vezes deixa a desejar essa nossa apresentação, mas não por falta de vontade, ainda a gente tá aperfeiçoando, nós vamos vendo e aprendendo pra fazer melhor..

SB: Em termos de, porque pra botar o boi também exige algum recurso.. dinheiro, enfim, como vocês conseguem, de onde vem esses recursos?

ES: Patrocínios.. amigos do folclore, da comunidade, aqui vizinhos, dona Bezerra, a prefeita faz uma doação, é pequena mas faz, esse ano..

FGA: É porque eu faço uma lista né? E sai nos proprietários pedindo, no fim vai 'm ajuda na festa folclórica e tal, você pode dar o que você quiser', ai dá 10 reais, dá 5, outro tem boi, 'me dá um bezerro?', 'dou pra Santo Antônio', tu colocou Santo Antônio na organização, e vê que se interessa 'te dou um bezerro', ai então eu posso pegar o bezerro? Pode, ai vai me dá mesmo..

ES: Nós temos um grande parceiro também, Chiquinho, o Edson (?) [moto] da Maria Rosa, ele é de Campos aqui, divisa aqui, todo ano, uns 5 anos, todo ano ele banca assim um conjunto, coloca uma bandazinha pra tocar aqui, um conjunto.. ele perguntou o preço, se for mil reais, for mil e quinhentos reais.. ele vai lá e paga pra gente, então tem sido um grande parceiro nosso, entendeu? Ele mora lá em outro município, nunca veio aqui, só pela confiança que pegou com a gente, e a gente faz a gravação do cdzinho, e as fotos, bota no CD, manda pra ele, manda o programa pra festa pra ele, fica encantado, quer vir aqui, quer vir participar, pede até desculpa por não vir, mas virou um grande amigo nosso.

SB: Ele toca de graça, não entendi, desculpa..

ES: Ele patrocina..

FGA: Ele pros outros..

ES: Ele paga um conjunto todo ano, há quase 5 anos, entendeu?

FGA: Igual hoje tocou.. Barbieri tocou naquela festa, foi 4 mil reais a prefeita que pagou.

ES: Não foi bem a prefeita, a prefeita fez um intercambio, e nós tentamos levantar o capital, né? Ela facilitou o preço dele pra nós, nós tentamos levantar o capital pra pagar ele..

SB: Certo. Os instrumentos, as peças, enfim, do boi como um todo seria os instrumentos de bateria e os personagens, é isso?

ES: Até a bateria nós conseguimos ano passado, ano retrasado na Secretária de Cultura de Vitória, nós fomos lá com ofício e fizemos esse pedido, a época era até o Frei Paulo que tava trabalhando lá, era na época dele, ai ele fez essa doação pro nosso folclore, caixa de som, microfone, e a bateria, a bateria pequena, mas uma bateria muito boa.

SB: Tá, essa bateria é uma bateria que vende no comercio normal ai? Industrializada.. agora.. os personagens são feitos de que? O boi por exemplo? De que material?

ES: Um pano grosso, uma sarja ai, não sei como se chama, que possa ser pintado, mais resistente.. esse ai é novinho, já tá começando a rasgar, porque sai muito, tá encardido, e várias coisas desses enfeites ai, que eu não sei o nome, essas coisinhas assim..

FGA: A armação dele é [falas entrecruzadas]

SB: Mulher que sabe o nome dessas coisas ai..

ES: É.. esses negocinho brilhoso.. a armação é de ferro, por baixo ali é ferro..

SB: É ferro? Mas é um ferro leve?

ES: É, uma estrutura fina pra poder possibilitar na hora da brincadeira, senão fica pesado demais e a pessoa não aguenta..

FGA: Boi, a cabeça dele é mais pesada do que o corpo dele todinho.. Dai tem que botar um contrapeso atrás dele, porque senão ele ...

SB: E como é que feita essa cabeça? Vamos lá, a cabeça como é que feita? Do que é feita? É uma carcaça?

FGA: Essa.. mataram o boi no açougue, essa qualidade ai.. é do boi Guzerá, essa qualidade desse boi ai, até a armação dele é do boi Guzerá, cortaram a cabeça dele..

SB: Boi o que?

FGA: Guzerá..

SB: É o nome do boi?

FGA: É a qualidade do boi..

SB: A qualidade?

FGA: É. Então corta só o pescoço dele e deram um remédio na cabeça dele, secou com couro, orelha, nariz, olhos tudo.. o chifre...

SB: Porque é um boi Guzerá? Desculpa a ignorância..

ES: É uma raça, tem o boi Nelore, tem o boi Holandês..

SB: Ah, tá!

FGA: A qualidade do boi, tem diversas qualidades, a raça Gír., que eu sei uma..

ES: Esse aqui é um Guzerá, aquele de chifre pra trás é um boi Gír., entendeu? Quem conhece sabe qual a qualidade do boi, pelo estilo da cabeça, do chifre..

SB: Ai faz um acabamento, o boi, um enfeite, né? Bota gesso, essas coisas, ou não?

ES: Não, não tem nada de gesso não.

[falas entrecruzadas]

JGA: Antigamente as vezes tinha um animal bom, uma vaca tava ai doente, então já falava 'tem que jogar pro urubu comer, porque o urubu só deixa o osso', ele limpa tudinho, deixa passar bastante tempo, ai vira caveira a cabeça dela, ai põe a cabeça e faz..

FGA: Vou contar uma historiazinha, lá do Guará. É um cavalo que morreu no meu vizinho, na minha propriedade ali em cima, e ele ia enterrar o cavalo, e eu precisava de uma cabeça de um pra fazer o Jaguará, e é difícil arrumar cabeça de cavalo, todo mundo enterra.. eu falei 'você me dá essa cabeça desse cavalo pra mim? Eu vou cortar ela com o machado e vou pinga ela num lugar ai, ai quando ela secar eu ponho pra fazer o Jaguará, se você quiser cortar, o cavalo que ia morrer naquela hora, meti o machado no pescoço dele, cortei e olha a cabeça dele lá'. Tá ai, o povo tem a cabeça e eu reparei, senão enterra e não tem como tirar, é difícil, não existe cabeça de cavalo, muito difícil..

SB: Todo mundo enterra a cabeça do cavalo?

JGA: Enterra o corpo, o animal todinho, ai é difícil [falas entrecruzadas] ai quando ele morre, deixa pro urubu comer, ai depois de limpar tudinho vai lá e tem o ossos, igual a pessoa. Quando enterra uma pessoa no Rio de Janeiro, que as vezes os entes queridos quer trazer pra cá, ai vai lá e traz numa caixinha, né? Traz os ossos e enterra aqui..

SB: Certo. Hoje em dia é mais difícil de arrumar cabeça de boi, seu Chiquinho?

FGA: Até que o boi não é muito difícil não, mas você tem que saber aonde tem uma criação pra não enterrar, porque geralmente enterra, essa vaca mocha [criança gritando] tem um rapaz meu amigo, tem vaca morreu, tadinha.. ela criou um.. ela tem um bezerrinho, ela criou, não sei porque ela arrumou, o bezerrinho tava mamando, ela acabou de criar ela morreu na mesma hora, e o bichinho mamando, ai vi que a vaca morreu e já falou 'a vaca morreu e o bezerrinho tava mamando' e a vaca tá morta, ai fui ver, não sabe o que aconteceu com ela, não dá pra fazer coisa, ela morreu, a pressão dela subiu e a vaca morreu.. 'se você não for enterrar ela você me dá a cabeça dela pra mim fazer uma vaca mocha? Fazer outra vaca mocha que a nossa acabou..' ai ele 'nós não acomoda nada, pode deixar lá, daqui uns 2 ou 3 meses você põe a cabeça dela..' e foi o que eu fiz, ai fui lá, lembrei um dia que passei lá [telefone] ai a cabeça dela apanhei, e fiz a vaca mocha ai.. essa vaca morreu, o bezerrinho dela acabei pegando no colo pra dar mamadeira..

SB: Certo. Esse mocha quer dizer o que?

FGA: Mocha é vaca sem chifre. Entendeu? Vaca mocha é porque ela não tem chifre, não chifre, quando nasce, a gente mocha ele, se não mochar ele vai criar chifre, então é uma (?)bem pequena, é muito difícil uma vaca ser mocha de natureza, de nascer mocha.. que nasce, mas é

muito difícil, então nós temos vaca mocha, porque se for fazer de chifre, e ela mocha, então bota vaca mocha..

SB: Quer dizer..

ES: Identifica melhor, de longe é até vaca, você acha que é vaca, entendeu? Você vê de longe um chifre pensa que é um boi, entendeu?

SB: Ou seja, se for vaca com chifre não serve?

FGA: Geralmente pra nós aqui porque já tem o nome de vaca mocha tem que ser mocha..

ES: Já criou, ela já nasceu assim, né? Mocha, aqui na cultura, né?

SB: Certo. Vocês falaram da festa do folclore, não é isso? E.. nessa festa tem um dia seguinte que o boi se apresenta, né? Agora, no dia seguinte tem um almoço comunitário, e tem umas comidas próprias desse almoço, não é isso?

ES: Uma comida caipira, uma comida de galinha caipira, o angu, o [moto] aquele que põe lá na água, costela de porco, a costela de porco, e o arroz e feijão..

Mulher: Macarrão caseiro.

ES:: Macarrão caseiro, feito aqui na comunidade, feita pelas próprias pessoas daqui que fazem o macarrão..

Mulher 2: Faz a massa de macarrão e abre.. fazemos 100 galinhas..

ES: E galinha caipira, a gente tem a maior dificuldade em encontrar essa galinha, porque hoje na roça cria-se poucas galinhas por causa da lavoura. Então a gente faz esse cardápio..

SB: Bebida, tem alguma bebida?

ES: Bebida é o que os barraqueiros e as vendas vendem, é a cerveja, né?

SB: Certo. É.. Bom, os figurinos, as personagens, o boi já tá explicado, né? A vaca também um pouco vocês explicaram, mas vamos ver o Jaguaboi.. isso? Ou melhor, antes do Jaguaboi, o Jaguará..o que é o Jaguará, de onde apareceu isso? Quando ele.. sempre fez parte do boi? Como é isso? Explica pra gente.

FGA: O Jaguará..quem faz parte do boi, que desde antigamente um sinônimo de brincar com o Jaguará acompanha o boi. Que é o boi, o Jaguará, as mulinhas, e a vaca, então é tudo uma apresentação só, tem os antigos aqui e inventaram, os antigos, de fazer o Jaguará, inventado aqui e então desde pequeno a gente já via como é que era e aí nós vimos como é que fazia, então nós continuamos fazendo, senão acaba.. (?) [moto]. Pra fazer outro igual a gente faz, entendeu? Soma a cabeça..

ES: Houve histórias também que faziam o Jaguará tem a boca grande, você puxa ele abre a boca, e falava que o Jaguará comia criancinha..são histórias de cultura.. 'o Jaguará come criancinha', tem muita criancinha que tinha até medo..

FGA: A gente puxa por dentro, a boca dele faz assim.. ele tira o chapéu dos outros, o Jaguará que tá ali, então ele abre a boca, bota até dentro da boca dele..

SB: Mas ele é um cavalo? Como é que é isso? Ele é.. só a cabeça de cavalo?

ES: É, só a cabeça de cavalo. Cavalo ou burro, né Chico?

FGA: É, as vezes é cabeça de burro.. aquele ali é cabeça de burro, aquele ali é cavalo.

ES: Só que ele tem uma corda e puxa.. e abre a boca e fecha, na hora da apresentação tem uma cordinha por dentro que ele puxa e abre a boca, solta ele fecha. Tipo assim, ele falou do chapéu, tem uma pessoa brincando de chapéu, ele chega por trás quietinho, fecha a boca no chapéu do cara e tira, entendeu? Sem o cara perceber..

SB: Essa brincadeira acontece até hoje?

ES: Acontece, sempre acontece.. é uma coisa sadia, entendeu? É uma brincadeira mesmo. É a boca grande que eles falam. A pessoa entra por dentro dele, naquela veste ali..

FGA: Ai é só puxar aqui..

[mostrando a veste?]

FGA: Pera ai, tem que botar assim.. [sussurro]

ES: Não pode tirar o chapéu do rapaz..

JGA: Isso é divertido porque criancinha pequena fica no colo da mãe, quando ele abre a boca criança 'vai me engolir'..

FGA: Ai ele vai, vê a pessoa assim e..

[risos]

ES: Assusta na hora..

FGA: Ai não para não, vê a pessoa, vai atrás, vê o chapéu do cara, leva a boca prende assim, prende, solta. Tem gente que.. e ai fica assim, fica rodando..

SB: Certo Chiquinho, obrigado.. bom tem..

ES: A gente tenta ... a secretária de cultura, ela reformou pra gente, a gente entrou com recurso de material, e eles entraram com a mão de obra, e foi possível realizar assim, reformou tudo pra gente esse ano agora..

SB: Secretaria de Cultura do Estado ou do Município?

ES: Do município, com a Dona Leone, a secretária lá, ela executou isso pra gente, a gente tava assim meio acabadinho, então deu uma reformada boa..

SB: A mulinha.. qual a função dela na apresentação?

ES: Apartar os bois..

FGA: Apartar e abrir, o boi quando tá.. abrindo o pessoal pro boi passar, ela vai brincando e o pessoal vê as mulinhas na frente vai saindo pra poder passar, senão não tem como.. vem encontrar com o boi e a mulinha brincando e tirando o pessoal da frente.. roda..

SB: Vai protegendo o boi. Certo, e aí tem o Jaguaboi, é isso?

FGA: Mesma coisa, brinca junto com o Jaguará, só que tem..só que fica olhando..

SB: Sei, mas agora.. eu nunca tinha ouvido falar do Jaguaboi, tudo bem que eu sou de longe daqui, mas eu ouvi falar em Jaguará de Jaraguá, lá em Muqui, na praia.. mas Jaguaboi eu nunca tinha ouvido falar..

ES: Lá em Anchieta tem Jaguarátambém..

SB: Vocês que inveteram o Jaguaboi? Como é que é isso?

FGA: Foi.. (?)

ES: Foi criado aqui, feito por eles, o Chiquinho, mais outro pessoal, mas criaram ele aqui, entendeu?

JGA: Como o caso da mulinha pra proteger o boi, tem uma açoiteira assim que..

FGA:Jaguaboi só nós temos aqui..

ES: A Bete aqui segura ele, mas ele não mexe nada, só (?) a Marchinha, com a música tocando, entendeu?

FGA: A gente arruma ela..

SB: Okay

ES: Quer que coloca ele?

[sussurro]

FGA: Deixa botar assim.

ES: Porque tem uma alça, porque só segurar assim na madeira que tem aqui dentro, dói os braços, tem uma alça que pendura no ombro e vai diminuindo o peso, entendeu?

SB: E é só homem que carrega, ou mulher também?

FGA:Qualquer um, homem, mulher..

ES: Quem quiser entrar aqui..

JGA: Até velho..

FGA: Esse buraquinho a gente vê pra andar com ele, esse buraco aqui..

ES: Ele é mais alto, é igual o Saci Pererê que tá sempre .. [falas entrecruzadas]

FGA: Ai vai dançando, tocando, ai o Jaguaboi vai dançando também..

JGA: Pra isso é bom ter um sanfoneiro, um acordeonista, que toca oito baixo, uma sanfona, porque ai pelo ritmo que toca o boi, os componentes dançam..

FGA: E na hora que fizemos ele, como que botou o nome nele? Vai chamar como? Ai falei que vai chamar jaguaboi, que nem Jaguará, que nem boi. Ai ficou jaguaboi.

ES: Pode tirar isso? Ai tem o Saci Pererê também, outro personagem que nem esse aqui.. o (?) só que não sei se a roupa tá ali.. o morcego veste com a máscara.. O Saci também com o cachimbo, com a toquinha..

SB: Certo.

ES: A pessoa cai na folia.

SB: Já me falaram lá em São Pedro do.. que tinha o morcego.. o Balbino lá de São Pedro me falou que lá nas festas tinha uma figura, um personagem que era morcego, talvez seja o mesmo morcego, né?

ES: Pode tá falando desse morcego aqui..

FGA: Morcego é nosso.

ES: É só aqui que tem..

FGA: É nós que brinca lá na festa do Balbino..

SB: Ah, tá.. entendi.

FGA: O morcego e o saci, veste a roupa pronta.. vermelha e o Saci usa um cachimbo e sai brincando pulando num pé só.. entendeu? Mas com o vestimenta dele, tá tudo guardado ai, e

tem o vestimenta do morcego.. tem um pano aberto debaixo do braço pra cima e pra baixo igual morcego, tem até a mascará direitinho..

SB: Mas vocês que inventaram esse personagem ou não? É muito antigo? Como é que isso?

FGA: É de antigamente também, junto.. e até em Vitória, a neta de minha esposa que brincou de morcego lá em Vitória, até meu filho que trabalha lá.. chegou aqui 'e minha mãe não vem não? ela falou que vinha?' (?) até a prefeita, a Flávia ficou procurando ela lá, queria conversar com ela lá.. ela tava vestida de morcego não reconheceu.. que ninguém conhece não, ai tava todo mundo brincando, na hora da apresentação, ai tinha um palhaço, uma folia lá no palhaço, uma máscara muito bonita, a gente viu que parece que tá doido pra pular no meio da gente.. e pode brincar quem quiser, ai chamei o boi e falei 'palhaço, a folia pertence a propósito de Santo Antônio, brinca junto, se quiser brincar, participar com nós pode cair no meio', ai ele cantou um verso não sei o que 'ai vou entrar no meio de vocês, não sei quem foi o patrão que mandou'.. ai pulou e logo agarrou no braço de minha mulher, o palhaço, e ela vestida de morcego, aquilo meteu o gauchão.. [risos] o palhaço brincou tanto, mas suou de tanto pulou, depois ficou todo alegre..

SB: O senhor falou dessa história ai..

FGA: Ah, mas tadinho, ele quis brincar.. a prefeita brincou aqui de (?), tava lá conosco.. brincou, ela emocionou.. e falei pra ela 'o que foi?' 'ah tô de apresentar minha música'.. aqui rapaz, nós somos quase 100 pessoa tudo de emocionado criancinha pequenininho na (?) que não aguenta nem andar, mas ninguém encosta.. os caras que brincam sabe tudo como é que é..

SB: E a história. e o pai João? A Maria, como é?

ES: Pai João?

SB: Comadre Maria, Pai João.. e o.. outro personagem.. o..

FGA: Pai Mané?

SB: Isso.

FGA: O pai Mané faz o segundo pai João com a mãe Maria. A mãe Maria tem a mulher, tem o homem pra vestir também.. ai bota um travesseirozinho na bunda, um vestidão cumprido, pano amarrado na cabeça, e o pai Mané de gravata, boné.. então todos nós apresenta, tudo vai no dia pra brincar no lugar que a gente sabe.. a história de cada um, cada um tem a sua parte, nós temos a roupa do pai Mané, temos a roupa do pai João, temos os paletós, as gravatas, tudo direitinho..

SB: E quem é o bobão? O pai João ou o Pai Mané?

FGA: É o pai Mané. O pai João é mais.. é que gosta de ficar sempre de bobeira, que ele pega a mãe Maria, ai o pai Mané vai empurra ele, zanga com ela, puxa ela.. mas tudo na brincadeira pra poder o pessoal notar que um tá com ciúme do outro..

SB: Mas o pai João é casado com a comadre Maria, é isso? E o Mané é que..

FGA: É.. é..

SB: Tá certo, tá certo..

JGA: Porque geralmente o pai João fica brincando, então ele bota um travesseiro grande assim na traseira, na mãe Maria assim, ai nego de fora vem bebido e passa a mão na bunda.. [risos] tem vez que fomos brincar aqui, tem muitos anos isso, uns 50 anos atrás.. tá solteiro tá brincando, ai tá a mãe Maria brincando lá.. (?) passa a mão na bunda, o cara falou 'onde você (?) com mulher na vida?'.. arrancou a faca, homem não.. [moto] tragédia, então tem que ter organização..

FGA: Agora não..

JGA: Se tiver nego bêbado, né? Cachaceiro, esse nego da cidade assim, querendo se aparecer e beber por ciúme, tá arrumado. Então tem que ter organização as coisas, isso tudo depende de organização porque por isso o de Santo Antônio é tão falado e comentado, pela organização que tem e a responsabilidade que ele tem, ele e o componente dele. Olha, fazer o que ele faz tem que ter muita paz, porque eu sei que meu tempo já passou, e tudo, e mais.. eu sei lá, dá muita emoção na gente, porque não é Santo Antônio, na redondeza por aqui eu tenho de orgulho de dizer que nasci e criado aqui em Santo Antônio, porque tudo que a gente faz aqui, faz de carinho, de amor, e sempre procura ajudar, quem necessita da ajuda da gente.. né? E sabe que aqui é o inferno, aqui se faz, aqui se paga, né? Se a gente faz o bem, a gente recebe o bem. Faz o mal, recebe o mal, né? Então a pessoa nunca deve rir de quem chora, porque um dia vai chorar também.. né? A pessoa sabe, tá vendo que o cara é idoso, não sei o que, mas tem que saber que um dia vai ser idoso também.. não é? Então a vida da gente é cheia de.. é uma novela, não é? É uma novela ai, ali.. o que ela tá falando ali ela tira da vida da pessoa pra poder anunciar na televisão..

SB: Bom.. fala seu Chiquinho..

FGA: Em São Pedro, nós vamos pra ver um evento na festa de São Pedro, foi uma apresentação com boi, então sabe que São Pedro tem uma ladeira muito grande pra subir, a festa foi lá em cima, brincaram lá em cima, perto da igreja.. ai o ônibus ficou cá embaixo na chegada de São Pedro, então acabou a apresentação a bateria desceu, muita gente me atrasaram.. eu fiquei pra trás com esse boi ai, quando eu vou descer a ladeira, o pessoal tá bem na frente.. quando chegou uns caras e pularam, dá muita gente de fora que é turismo de fora, que eles abrem as casas, né? Então tem muita gente de fora.. o cara chegou perto do boi, agarrou no chifre do boi e deu um pulo e montou nas costas do boi, e eu debaixo do boi, e montou e eu não a aguentei e arranhei assim outro cara.. 'desce, desce rapaz você montou (?) [copo caindo] o cara ai debaixo desce, desce'. E ele 'não! aguenta ai, deixa o cara tirar foto!' E o cara assim, sem camisa, meio bêbado, esperei, (?) pra tirar foto pra poder descer com o boi, ai fui saindo e foi a luta.. [pássaros] aquilo é graça pra eles. Até chegar lá, vi a moça chegar pra tirar foto.. e eu de capacete esperando.. até chegar no ônibus, e (?) sumiu.. a quantidade de (?), e tá o pessoal sem poder descer, querendo tirar foto e tudo, então.. e a gente pôs o boi e foi lá.. ai vi

o cara montado em cima do boi ali, gritando pra desce.. 'não vi, tava debaixo do boi', mas não pode dar..

SB: Tem que ter paciência, né seu Chiquinho? E os instrumentos musical são os instrumentos de bateria..

ES: E o acordeão.

SB: E o acordeão. No carnaval o acordeão sai também, ou não?

ES: Aqui a folia do boi tem que ter acordeão..

SB: Certo..

ES: Quando não tem é porque aconteceu alguma coisa de muito imprevisto, que não está o acordeão, entendeu? Mas fala-se de folia de boi em Santo Antônio, tem que ter o acordeão junto..

SB: Porque tem que ter o acordeão?

ES: Porque o acordeão nasceu junto com isso, primeiro era uma sanfona, um pandeiro e um violão, que fazia a festa do boi antigamente, né? Então ultimamente vem se acrescentando a bateria.. que sanfona mais o pandeiro faz a marchinha, a bateria hoje faz a marchinha mais.. mais maior, porque a bateria bate mais alto, né? E a sanfona hoje não pode deixar de ter..

SB: E o senhor Chiquinho, o senhor lembra quando acrescentou a bateria, seu Chiquinho? Faz tempo já que entrou a bateria mesmo?

FGA: Ah, tem tempo, antigamente.. sempre teve aquelas caixas de bateria, não é como essas que tão vindo agora..

ES: Uns 20 anos..

SB: Como é essas caixas que o senhor tá falando?

FGA: Ahn?

SB: Essas caixa de antigamente, como é que era? É diferente?

FGA: Aqueles tamborim feito de couro de cabrito, nego botava couro, tipo caxambu, caxambu foi o único que (?) [ônibus]

JGA: Mostra a ele aí..

FGA: Já viu o caxambu como é que é?

SB: Sim..

JGA: Caxambu tem.. [falas entrecruzadas]

FGA: Aqui bota o caxambu, esquentá ele na fogueira, senta aqui..

ES: A fogueira tá ali, o caxambu tá aqui..

FGA: Bate e dá um som, e quando esquentá dá um som mesmo.. aí canto um (?) de caxambu aqui..

SB: O senhor já brincou muito de caxambu antigamente? O senhor aprendeu como esse caxambu? Como o senhor aprendeu a tocar caxambu?

FGA: Vendo os outros a tocar e cantar quando era criança, pena que (?) usando a fogueira na festa de Santo Antônio, a fogueira que tá ali tem um caxambu, toda festa junina tem um caxambu aqui.. antes de eu nasci, toda vida teve caxambu..

SB: Mas ele era uma atividade mais dos negros? Como era isso? Conta..

FGA: Geralmente era quase o negro, mas sempre misturava também branco, mas sempre aquelas pessoas mais antigas, velho com cachimbão na boca..

SB: Preto velho

FGA: Esse era o mestre mesmo, aprendi tudo com ele.. a bater no caxambu, ele que era o mestre pra bater no caxambu, as pessoas.. os antigos, aquela gente do tempo dos escravos, velho de 80 anos mais ou menos..

JGA: Canta uma modinha do caxambu pra ele, você que tem dom pra cantar isso, porque tem a música que canta, até prende a pessoa, a pessoa canta, (?) [moto], a pessoa tem que saber responder depois..

SB: Me dá uma ideia seu Chiquinho, fala pra mim da importância do boi pra comunidade, fala pra gente.. um depoimento do senhor..

FGA: O boi pra comunidade, o boi é tudo que é a nossa comunidade aqui. Faz festa tudo, eles pedem pro boi participar, festa junina, é.. todo dia 13 de junho, que é o padroeiro, então.. toda a.. todos os anos todo mundo sai.. eles pedem pra sair, e tal e foi, pedem pra ensaiar. (?) na saúde que vai ter aqui 19 de outubro agora.. e vai ter a reunião já fui brincando com os caras, se quer você participa com o boi, então.. 'queremos que você ensaie'.. marcou até horário, sete horas, até as oito, mais ou menos.. depois das oito tem a quadrilha, tem não sei o que.. então é.. não é só aqui, é em todos os lugares que chamar a gente.. (?) veio aqui chamar pra gente ir lá, porque no mesmo dia (?).. Veio dois ônibus pra nós aqui, um ônibus pra levar o pessoal, 40 e poucos cada um. E os ônibus foi cheio. Umas 90 pessoas.

SB: Me falaram, seu Chiquinho, que tem aqui em Mimoso do Sul, além do boi de vocês. Tem outros bois aqui em Mimoso, o município?

FGA: De Mimoso não.

ES: Na União que tem um boizinho lá, assim, que eles começaram a querer brincar de boizinho na União.

FGA: É mesmo, o boizinho fizeram há poucos dias até..

ES: Nada de cultura, tradição, não, entendeu? Se tem essa cultura, essa tradição aqui tudo, o nosso conhecimento não é nosso, entendeu?

FGA: É porque nós apresentamos Mimoso em Vitória, quando nós estamos muito sem dinheiro em Vitória.. apresentamos em Mimoso.

SB: Certo. Certo. As outras formas de.. as outras manifestações que tem aqui em Santo Antônio, quais são então? Além do boi?

ES: Cultural? Além do boi?

SB: Isso.

ES: Tem a pastorinhas, as pastorinhas é uma festa natalina, que é mais na época do natal, mas a gente apresenta junto da festa do folclore..

ES: As pastorinhas tem muita gente que nem conhece, mas as pastorinhas comemora-se o nascimento do menino Jesus, do menino Deus, é.. ela vem como referencia ao nascimento de Jesus, então tem os pastores, tem ali.. tem a personagem como o pica pau, flor do amor, o anjo, que vem como toda a natureza reverenciando o nascimento de Cristo. Então é um evento muito bonito, muito emocionante que a gente tem aqui, e tem também a dança italiana, que aqui tem muito descendente de italiano, eu mesmo sou descendente de italiano.. então a gente tem muita descendência aqui, então tem a dança italiana, que a gente apresenta também, muito bem apresentado, e tem também a quadrilha tradicional, sempre tá fazendo as festinhas juninas nos finais de semana, faz uma festinha aqui, ai tem a quadrilha tradicional.. tradicional mesmo, a quadrilha da roça mesmo, ai tem o pau de sebo pra subir, como o Chiquinho colocou ali, o pau de sebo, a fogueira perto, a pessoa sobe pra pegar o dinheiro que até lá em cima, quem subir e pegar lá ganha o dinheiro.. então as vezes, aqui também tem a brincadeira da leitoa na arena, a gente faz a arena ali e solta uma leitoa ali dentro, engraxada, toda engraxada, engraxa toda a leitora e solta dentro da arena, cheio de barra a arena, um cercado de tela, as pessoas que pegarem a leitoa leva ela embora..

SB: Essa da leitoa quando que acontece?

ES: Também na festa do folclore, só que durante o dia, de manhã.. até ano passado nós fizemos, entendeu? Que são muitos.. muitas coisas pra gente tá fazendo e a festa começa a aumentar, muito detalhe, entendeu? E precisa de mais gente pra trabalhar..

SB: E o pau de sebo quando é?

ES: Também na festa do folclore. Esse ano não sei se foi colocado, se foi levantado o pau de sebo, foi muito detalhe..

FGA: A fogueira a gente também faz..

ES: Fizemos um almoço grande, o almoço no domingo nós fizemos pra 800 pessoas aqui, uma coisa que acarretou muita gente, que pegou a gente de surpresa, entendeu? Muito trabalho, então não permitiu que a gente fizesse todos os detalhes que a gente tem pra apresentar..

SB: Certo. Quais são as.. todas as festas que vocês tem aqui no distrito?

ES: Todas as festas que a gente tem aqui.. a gente tem a festa do padroeiro que é 13 de junho, a gente tem a festa do folclore, que é última final de semana de abril, a gente tem no carnaval, que a gente faz a festa do carnaval aqui, um carnaval cultural, faz o programinha.. os 4 dias do carnaval, sábado, domingo, segunda e terça.. e tem a festa de São Pedro também que essa festa foi criada aqui pela nossa amiga Mariza, juntamente com toda a comunidade, é uma festa que toda a comunidade doa, faz a doação, pela (?) faz o leite com chocolate, faz broa de fubá, várias guloseimas feitas na roça, o quentão.. e a tarde é distribuído de graça pra toda a comunidade, pra todo mundo que vem, a festa de São Pedro, a gente faz a festa de São Pedro. Então já tá na quarta, quinta festa já dessa festinha. Mas só o povo daqui, só que tá trazendo esse povo vizinho também.. entendeu? Então é uma coisa muito familiar, muito gostosa, muito cultural mesmo, né? Então tem essa festa, e tem as vezes os finais de semana que o pessoal inventa de fazer um movimento qualquer e tá ali fazendo..

SB: A festa do padroeiro é a de São Pedro, né?

ES: A festa do padroeiro é a de Santo Antônio, 13 de junho..

SB: Ah, desculpa.

ES: Essa de São Pedro foi uma festa junina criada aqui que vai ser no final da festa de São Pedro, que é um santo também que tem muita devoção aqui. Muitos devotos dele aqui também, por isso criou essa festinha também, até tem graça mesmo.. entendeu? Todo mundo doa, todo mundo dá um jeito de participar..

SB: Dá pra dizer que uma delas é mais importante assim?

ES: A mais importante é a do padroeiro, 13 de junho, esta é centenária, essa festa é centenária, até comemoramos aqui ano passado o centenário de Santo Antônio, nós fazemos aqui, que foi final de fevereiro.. só que nós fizemos em junto com o carnaval,, fizemos uma festa só. Essa é a mais importante nossa, essa festa é conhecida quase que no sul do estado aqui..

SB: Pera, vocês fizeram, deixa só entender.. a festa do padroeiro junto do carnaval?

ES: Não, a festa do centenário de Santo Antônio, quando comemorou-se o centenário, nós fizemos junto com o carnaval, porque comemorou? Foi dia 23 de fevereiro, completou 100 anos, e o carnaval foi antes um pouquinho.. então nós juntamos e fizemos tudo numa data só

pra não poder ficar duas coisas acontecendo no mesmo mês, fica difícil os recursos financeiros.. então comemoramos 100 anos de Santo Antônio o ano passado, agora a festa de 13 de junho é em junho mesmo, essa não muda, pode ser segunda feira, pode ser terça feira, vai comemorar naquele dia.

SB: E essa é bem importante?

ES: Essa é a tradicional nossa, essa é a festa tradicional do Santo Antônio, que comemora desde quando surgiu a comunidade aqui a 100 anos atrás.

SB: Quando surgiu a comunidade aqui?

ES: Surgiu 23 de fevereiro.. há 101 anos atrás, que tá fazendo um ano agora no carnaval, no fim de fevereiro agora que vem que nos comemoramos 100 anos de comunidade, não de distrito, em falar em distrito nós somos os mais novo do município..

SB: Tudo bem..

ES: Mas enquanto como comunidade religiosa.. nós temos 100 anos de existência..

SB: Comunidade religiosa?

ES: O.. o proprietário veio e doou o terreno, ele era devoto de Santo Antônio, ele doou pra fazer a capela, pra colocar o santo padroeiro, o santo Antônio, e isso já faz 100 anos. Ai criou-se e vamos crescendo como comunidade de Santo Antônio de Pádua.. fala Santo Antônio de Muqui hoje, porque o rio Muqui do Sul, esse rio que corta aqui chama rio Muqui do Sul, mas o santo ali é Santo Antônio de Pádua, nós somos conhecidos como santo Antônio de Muqui, o endereço aqui é esse, mas o santo é santo Antônio de Pádua, porque o dono aqui, que fez a doação aqui é Antônio Lopes da Rocha, fez essa doação e era devoto de santo Antônio, ele e toda a sua família, ai cresceu essa devoção ao santo, cerca de 100 anos..

SB: E as pessoas que inicialmente moraram aqui eram trabalhadores da fazenda dele?

ES: Da fazenda dele, era uma fazendona, né Chiquinho, tipo pega palestra.. tudo né..

FGA: Pai do meu pai..

SB: Era pai? O fazendeiro?

FGA: É.

SB: O fazendeiro era avô do senhor?

FGA: É.

SB: Qual era o nome dele?

ES: Antônio Lopes da Rocha.

SB: Ele era avô do senhor, é isso?

FGA: É.

ES: Era avô dele.

FGA: Eu tô falando.. eu falo que.. toda a vida eu vivi.. por causa disso.. sou nascido e criado aqui, nasci naquela casa (?), naquele curral ali, naquele campo debaixo ali, dali mudei pra rua.. meu irmão.. nascido e criado aqui..e enterrado aqui.

SB: E a casa da fazenda tem ainda?

JGA: Não, foi desmanchada.

FGA: Foi desmanchada.

SB: Muito bem, não sei se alguém de vocês quer perguntar alguma coisa..

* Eu queria saber se o senhor Chiquinho já viajou muito assim, com o boi..

FGA: As viagens que nós fazemos é em Vitória umas 4 vezes mais ou menos, mais é mesmo no município..

SB: Diovani, quer perguntar alguma coisa? Não? Então podemos encerrar né? Pode ser? Então muito obrigado pra vocês.. o senhor quer falar alguma coisa?

JGA: Eu queria que apresentasse o caxambu, nós não apresentou, porque hoje a cultura do caxambu aquilo, que significa o caxambu, o caxambu é a modinha, como o cara canta com modinha, ele não canto pra vocês, bate significa o que? Tem que cantar.. jogar.. falar uma palavra pra vocês, assim, por exemplo, o cara pergunta assim ao caxambu: 'ae mestre João, quem é quer saber quantos peixes tem no mar', ai vai cantar 'quantos peixes tem no mar?', ai vai cantando, ai outra pessoa tem que responder..

FGA: Ai o cara tem que responder quantos peixes tem no mar.. [fala entrecruzada]

JGA: quanto tem ai, o cara respondeu, 'tem 900 traíra, 900 traíra, 400 acará', e daí ele respondeu, ai canta a modinha, o cara tem que responder o que que ele tá falando, ele não sabe responder então fica amarrado.. antigamente nego até caia no chão, ficava desmaiado, leva tão a sério que.. quando tem uma festa aqui.. ele canta o caxambu.. me chamaram, se sabe que a emoção foi tão grande que a palavra não saia..

SB: Ai o senhor ficou amarrado?

JGA: Eu fiquei amarrado pela emoção. Que te lembra de criança, e eu com 7 anos de idade, ficava assim prendendo bandeirinha aqui na rua, se o senhor me perguntar quantas bandeirinhas cabe em Santo Antônio aqui e lhe sei responder, porque depois que eu terminei, depois que eu parei de fazer festa aqui, não desfazendo de ninguém, eu sinto saudade daquele

tempo que não volta mais, tempo da tradição, aquele orgulho de Santo Antônio. Era 4 dias de festa, todas as ruas tinha caixa de alto-falante, não tinha caixa não, era alto-falante, então trazia o locutor, tinha o locutor lá de Bom Jesus, da rádio Bom Jesus, ele falava tão bem, que ele fazia todo mundo chorar na hora de despedida, na hora que termina 4 dias de festa, no último dia ele pegava o microfone agradecendo o povo, então era emocional.

SB: Vinha de Bom Jesus de Itabapoana, é isso?

JGA: Meu amigo pra caramba, e nos tinha os patrocinadores, assim, era uma política danada, aquele tempo o pessoal da igreja puxava pra lá, queria fazer a festa dia 13, e falei não, a festa aqui é aniversário de Santo Antônio, e quem gosta de festa bem, quem não gosta vai pra casa dormir. Eu era com 18, 20 anos, eu ajudei meu pai a fazer festa aqui quando era criança, e porque..

SB: O senhor puxou um assunto que eu queria ver se vocês falassem um pouco sobre isso.. tem uma.. uma disputa, uma certa rivalidade aí com a igreja, como é isso? Pode falar um pouco pra gente?

JGA: Porque a igreja diz que não faz festa por causa de bebida, a bebida alcoólica, festa profana.. então não tem nada disso, bebe quem quer beber, se (?) a polícia, 10, 20 polícia vem pra aqui, então eu não vejo isso porque.. eu (?), a pessoa que é a favor de fazer festa separada.. Deus não separou de ninguém. Isso é orgulho.. de Santo Antônio não vai beber cachaça, não vai beber não sei o que.. se ele paga licença pra vender uai.. não vejo o porquê. Eu sou nascido e criado aqui, então eu vou.. aí aquela rivalidade..